

XII

MONUMENTO A JOSÉ DE ALENCAR

José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana, no Ceará, no dia 1 de maio de 1829, e faleceu, nesta capital, em 12 de dezembro de 1877. Era filho do senador de igual nome e de d. Ana J. de Alencar. Estudou humanidades no Rio de Janeiro e formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1850, tendo cursado o quarto ano em Olinda. A sua profissão foi a advocacia, mas se destacou na literatura, deixando uma obra primorosa e imortal, que o tornou o mais ilustre romancista brasileiro. Foi ainda jornalista, poeta, dramaturgo, crítico, jurisconsulto e político, revelando em tôdas essas atividades uma profunda cultura e uma inteligência brilhante. No campo da literatura, José de Alencar apresenta numerosas obras que sempre mereceram a preferência do público, pela originalidade e colorido do estilo fluente, focalizando temas e motivos verdadeiramente nacionais. Colaborador de vários jornais desta capital, os seus artigos sempre tiveram grande acatamento. Depois de escrever o "Guarani" — o mais popular dos romances brasileiros, — dedicou-se Alencar ao teatro, produzindo "Verso e Reverso", "Demônio Familiar", "Asas de um anjo", "Expição", "O Crédito", "A flor agreste", sendo que a tôdas excedem o "Jesuíta" e "Mãe". Voltando ao romance, escreveu: "Lucíola", "As minas de prata", "Diva", "Iracema", "O Gaúcho", "Pata da Gazela", "O tronco do ipê", "Sonhos de ouro", "Alfarrábios", "Guerra dos Mascates", "O sertanejo", "Senhora" e "Encarnação". Deixou inéditos muitos trabalhos.

Na sua obra de jurista, também notável, figuram dois livros publicados em edição póstuma — "Esboços Jurídicos" e "Propriedade". Foi professor de Direito Mercantil, no Instituto Comercial; diretor de seção da Secretaria da Justiça e consultor dos Negócios da Justiça, sendo ministro da Justiça no período de 16 de julho de 1867 a 17 de janeiro de 1870, e deputado geral pelo Estado do Ceará nas legislaturas

de 1861 a 1863, de 1869 a 1872, de 1872 a 1875 e de 1876 a 1877, ano em que faleceu.

* * *

A idéia de levantar-se uma estátua a José de Alencar não partiu do Ceará — sua terra natal — nem do Rio de Janeiro, onde viveu: veio de Minas Gerais, da cidade de Campanha, onde circulava o periódico "Monitor Sul Mineiro". Foram os redatores desse jornal que abriram uma subscrição para aquêle fim. Lançada a idéia, que teve entusiástico acolhimento, os jornalistas mineiros procuraram, nesta capital, a "Gazeta de Notícias", solicitando-lhe que aceitasse o encargo de vulgarizar a iniciativa, o que foi aceito, sendo constituída, para isso, por proposta do sr. Ferreira de Araújo, uma Comissão de Imprensa. A tarefa foi levada a bom termo, sendo inaugurado o bronce no dia 1 de maio de 1897.

A solenidade da inauguração foi incluída no programa de festas em homenagem à Divisão Naval do Chile, que se encontrava em visita ao nosso país e fundeada na baía de Guanabara.

No dia 1 de maio de 1897, a praça José de Alencar amanheceu ornamentada. Pouco antes da hora designada para a cerimônia, uma força de infantaria da Polícia Militar e um esquadrão de cavalaria da mesma milícia postavam-se no local, em formatura de guarda de honra, enquanto, à entrada do hotel ali existente, a Comissão de Imprensa recebia a delegação da Câmara dos Deputados, representada pelos srs. João Lopes, Xavier da Silveira, Eduardo Ramos e Gonçalves Ramos; da Municipalidade, pelo sr. Furquim Werneck, prefeito, e vários intendentes; do Supremo Tribunal Federal, do Instituto dos Advogados, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Nacional de Medicina e da Sociedade de Medicina e Cirurgia; fazendo-se representar, ainda, as escolas de Direito e Politécnica, a Academia Livre de Música, etc. Assistiram ainda à solenidade elementos das forças de terra e mar, assim como numerosos oficiais e marinheiros da esquadra chilena, fundeada em nosso porto. A família José de Alencar esteve presente, representada pela viúva, seus filhos e seu irmão — barão de Alencar.

Três bandas de música encontravam-se no local.

A hora marcada para a inauguração chegava à pequena praça e presidente Prudente de Moraes, sendo recebido com as continências do estilo. A praça do Catete, que passava a denominar-se José de Alencar, estava, então, literalmente cheia. O presidente da República, acompanhado de sua comitiva e de pessoas de alta representação, aproximou-se do ponto onde se erguia a estátua, desvendando-a por suas mãos, enquanto a banda de música do Instituto Profissional tocava o "Hino José de Alencar", composto para a solenidade pelo maestro Cardoso de Meneses. Nesse momento, o sr. Ferreira de Araújo pronunciou um discurso, entregando o bronce à cidade. Respondeu, a seguir, o prefeito. Falaram, ainda, Coelho Neto, Olavo Bilac, Antônio Sales, este em nome do Ceará, e o barão de Alencar, em nome do Instituto Histórico. Finda a cerimônia, o sr. Prudente de Moraes,

acompanhado de numerosas pessoas, entre as quais algumas senhoras, dirigiu-se para o Hotel dos Estrangeiros, onde foi servido um lanche, fazendo o sr. José do Patrocínio, ao servir-se o "champagne", uma saudação ao presidente da República.

As 15 horas ficava a estátua entregue à admiração pública, mas à noite o povo não pôde vê-la, porque a Prefeitura a deixou completamente às escuras...

* * *

A estátua de José de Alencar é de bronze e foi modelada pelo professor Rodolfo Bernardelli. O seu custo, de 20:000\$000. O primoroso literato está sentado em uma poltrona e tem por peanha um bloco de mármore cinzento, lavrado em círculo. O pedestal oferece quatro faces, onde foram embutidos baixos-relevos do mesmo artista, representando cenas do "Guarani", do "Sertanejo", de "Iracema" e do "Gaúcho".

A praça José de Alencar, onde se ergue o monumento, está nivelada sobre um trecho do rio Catete, Carioca ou dos Caboclos. Até 1850, havia aí uma ponte construída por uma empresa que cobrava pedágio e, por isso, durante longos anos, se chamou ao lugar — Ponte do Catete; depois, passou a chamar-se Largo do Catete, denominação que prevaleceu até 1897, quando se tornou a praça atual.